

Funaro, nos EUA, dará tom político às negociações

BRASÍLIA — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, deverá viajar para os Estados Unidos no carnaval, para dar um tom político à negociação da dívida externa. Funaro deverá levar em sua bagagem um esboço genérico da política econômica interna que ele vai apresentar às autoridades e banqueiros americanos, disse ontem um credenciado assessor do Ministério da Fazenda.

As linhas básicas deste esboço já são conhecidas: o País vai continuar crescendo, por exigências políticas e sociais, ainda que não repita o aquecimento econômico acontecido em 1986, que tantos danos provocou no balanço de pagamentos (contas externas).

E para manter o crescimento nos níveis desejados — não menos do que cinco por cento ao ano — é preciso limitar as transferências líquidas de dólares (entradas menos saídas) ao exterior a 2,5 por cento do

PIB, o que significa um desembolso líquido em torno de US\$ 7 bilhões (Cz\$ 131,09 bilhões). No ano passado, o valor dessas transferências foi de 5,2 por cento.

Além disso, Funaro dirá também que a inflação começará a ceder em abril, depois de terminado o impacto do realinhamento de preços em fase de execução, e que a política cambial será mantida com acelerações das desvalorizações do cruzado, de forma a garantir estímulo suficiente às exportações.

Funaro não viajará sem antes apresentar-se aos líderes da Aliança Democrática para expor seu plano de ajuste interno, que pressupõe uma estratégia semelhante ao Plano Cruzado I, com possíveis mudanças na política de preços e salários adotada até agora pelo Governo.

O plano está ainda sendo montado pela equipe do Ministério da Fazenda, mas garantirá, conforme dirá o Ministro da Fazenda ao Governo e

banqueiros americanos, a retração do processo inflacionário, seguida da queda nas taxas de juros, a partir de abril.

O plano passa também pela política de incremento dos investimentos públicos, que serão o “carro-chefe” da economia brasileira em 1987, puxando os investimentos privados, que serão movidos pelas encomendas das empresas estatais.

● **A QUEM PAGAR** — O Brasil não vai suspender o pagamento dos juros de todos os bancos credores. Os juros devidos aos bancos governamentais serão pagos em dia, pois estes bancos fazem parte do Clube de Paris, com quem o Brasil fechou um acordo de seis meses. Isso significa dizer que os juros devidos ao Eximbank, banco do Governo americano para a importação e exportação, serão pagos normalmente. Segundo informações do Planalto, o que vai atrasar é o pagamento dos juros dos bancos privados, que são, justamente, os que mais emprestam ao Brasil. Este é o caso do Citibank e do Chase Manhattan, por exemplo.